

Lutas por sentidos na web em tempos de mediatização¹

Tâmara Caroline Almeida TERSO²

Resumo

O artigo levanta questões referentes a construção de sentido no ambiente da web, levando em consideração o momento da circulação discursiva como reconfigurador dos discursos sobre violência racial. Nos interessa entender quais fluxos comunicacionais estão em evidência nas coberturas de protestos antirracistas nos Estados Unidos em 2020, e como eles se mobilizam nas lutas por sentidos no contexto de mediatização profunda.

Palavras-chave

Mediatização Profunda; Circulação; Racismo; Plataformas Digitais

INTRODUÇÃO

Os casos de violência policial motivados pelo racismo novamente ganham visibilidade em 2020 a partir de eventos compartilhados na internet. No mais recente, em agosto, policiais brancos são filmados baleando um homem negro, Jacob Blake. O episódio aconteceu três meses depois do assassinato de George Floyd, vítima fatal da violência policial nos Estados Unidos. Em ambos os casos, vídeos foram filmados por jovens negrxs que presenciaram as cenas de violências e divulgaram nas suas contas pessoais das redes sociais Facebook e Twitter. A visualização dos vídeos em suas primeiras horas passou de milhões e a circulação dessas imagens foi significativa no estopim de mobilizações permanentes, exigindo o fim do racismo nos EUA e em outras partes do mundo.

A circulação dessa materialidade mobiliza lutas por sentidos em processos de mediação nos quais os meios de comunicação de massas não são os únicos protagonistas na construção do discurso. Isso porque os fluxos contínuos de comunicação, provenientes de enunciadorxs individuais, coletivos e instituições, como as plataformas de redes sociais com economias internas de funcionamento

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Mestra e Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas (PósCom-UFBA). Membro do CCDC. Email: tamaraterso@gmail.com

orientadas pela modulação de algoritmos³, integram circuito complexo, no qual o ambiente da circulação torna-se uma instância de produção difícil de desconsiderar na contemporaneidade. O processo de construção da realidade nas sociedades em fase de mediatização profunda (Couldry e Hepp, 2017), é reconfigurado por inúmeras agências, dentre elas as coletividades mediatizadas cujos processos de sociabilidades operam através das mídias, coletividades imaginadas só possíveis através das tecnologias de comunicação e informação, e experiências coletivas projetadas através da captura de dados, deixados por indivíduos nas suas interações sociais nas mídias múltiplas, recirculadas com construções de sentido operadas pelas plataformas (Dijck, Poell e Waal, 2018). Diversos atores sociais ocupam o espaço da mediação, ao passo em que são reveladas mudanças estruturais e de longo prazo decorrentes da interrelação entre mídias e sociedades.

COBERTURA DOS PROTESTOS ANTIRRACISTAS E CIRCULAÇÃO

Na cobertura midiática sobre a violência racial nos EUA, a produção de sentido emergiu da circulação de discursos individuais e coletivos em contato com os discursos das empresas jornalísticas, plataformas de redes sociais digitais e demais instituições como agências de pesquisa⁴. Vale ressaltar que a ambiência da circulação enquanto zonas de contato (Fausto Neto, 2018) forma circuitos comunicativos com contingências estruturadas pela desigualdade no acesso a internet, monitoramento automatizado (métricas como critérios de noticiabilidade) e aspectos referentes às tensões nas relações sociais em determinado tempo histórico.

Em episódios como os de George Floyd e Jacob Blake a contínua reformulação discursiva das coberturas jornalísticas sobre os casos, protestos antirracistas e o “aparecimento” de denúncias sobre o papel de plataforma como o Facebook no fomento do discurso de ódio contra negrxs parecem mobilizar lutas de sentidos no interior da circulação com fluxos de comunicação que 1) defendem os protestos

³ Programações de algoritmos seguindo determinados parâmetros provenientes de tendências coletadas por mineração e análise de grandes dados contendo viés de discriminações disseminadas por humanos que programam as máquinas.

⁴ Recentemente, muitas pesquisas analisaram a cobertura da violência racial feita pelas mídias e seus resultados são amplamente divulgados nas redes digitais. Ver pesquisa “Racismo, motor da violência” em: <http://observatorioseguranca.com.br/wp-content/uploads/2020/07/Racismo-motor-da-violencia-1.pdf> Acessado em 30.08.2020

como atos de legítima defesa e denúncia contra o racismo (movimentos antirracistas enquanto coletividades mediatizadas); 2) acreditam que os protestos são um ataque a ideia de nação, sobretudo porque são organizados por negrxs, já visto como indivíduos desviantes (agrupamentos formados por ferramentas de recomendação das plataformas de redes sociais, enquanto comunidades imaginadas que disseminam discurso de ódio) e 3) trabalham para manter a ordem pública por todos os meios (instituições como meios de comunicação, plataformas e agentes estatais). Assim, um olhar apurado para as condições de circulação como produtoras de discursos e práticas sociais é um dos principais estágios para a construção de sentido nas sociedades mediatizadas.

Já no modelo de comunicação Encoding/Decoding, de Stuart Hall, vemos uma crítica à linearidade do modelo emissor/mensagem/recepção defendido pela teoria matemática, e a proposta de complexificação deste circuito com a alternativa produção/circulação/ distribuição/consumo e reprodução. Naquela época, Hall (2003) estava interessado na recepção dos programas de TV e suas complexidades, partindo das diversas possibilidades de relação entre as instâncias de produção e reconhecimento em contextos sociais. Reservada as diferenças estruturais das mídias no séc. XX e nesta fase da mediatização, a reflexão que nos interessa é a forma como o autor trata o momento de circulação como uma importante instância de produção do sentido: "...circulação e recepção são, de fato, 'momentos' do processo de produção na televisão e são reincorporados via um certo número de feedbacks indiretos e estruturados no próprio processo de produção." (p.392).

Na cobertura jornalística do assassinato de George Floyd jornais brasileiros e norte-americanos como GloboNews e CNN foram acusados nas redes sociais de retratarem os protestos antirracistas com viés preconceituoso, construindo um sentido de violência deliberada para as manifestações, ao mesmo tempo em que evidenciavam faceta do racismo em suas estruturas administrativas com a falta de jornalistas negrxs nas bancadas de seus programas jornalísticos:



Fonte: Tweet do jornalista esportivo, Irlan Simões em sua conta pessoal no Twitter.

Para Soster (2008), a atividade jornalística passa pela “terceira descontinuidade”⁵ provocada pelo fenômeno da midiatização, um processo evolutivo que concebe a atividade comunicativa em rede, transformando a sociedade e sendo atingida por essas transformações. As consequências analíticas desse processo são muitas, entre elas a insustentabilidade da produção e reconhecimento dos sentidos como instâncias independentes e não-sujeitas às afetações econômicas, políticas e tecnológicas.

Como resposta à enxurrada de denúncias de racismo manifestada por usuários das redes sociais digitais, a GloboNews, por exemplo, disse ter “entendido o recado” e em nova edição do programa “Em Pauta” promoveu um painel com jornalistas negrxs do *cast* das Organizações Globo para tratar dos protestos e do racismo nos

⁵ Segundo Soster (2008) as descontinuidades do jornalismo são vistas na invenção da prensa no século a informatização e a midiatização .

Estados Unidos e no Brasil, começando por suas próprias experiências pessoais com o assunto.



Fonte: Programa “Em pauta” no dia 03 de Junho de 2020

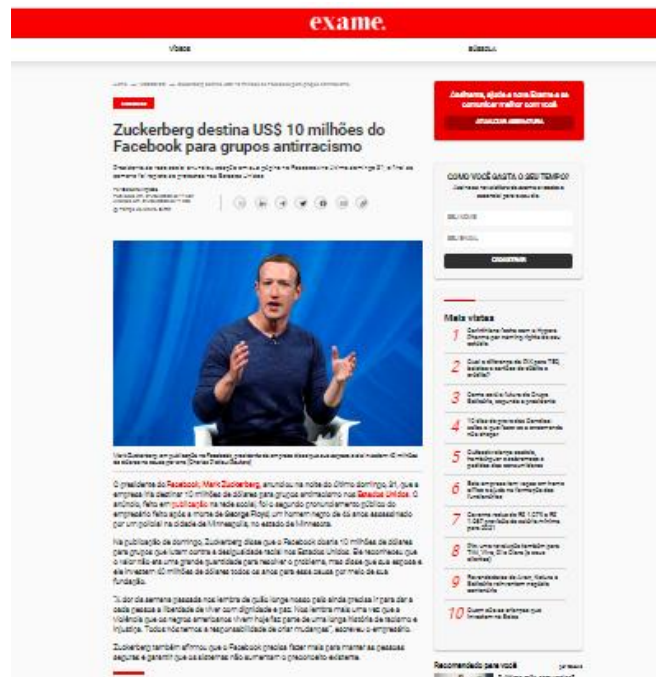
Na paisagem mediática ocorre um reaquecimento do debate sobre racismo estrutural, entendido por Almeida (2019) como a naturalização das desigualdades raciais nas instituições e vida cotidiana. Aliás, o discurso antirracista nas redes tem tentando circular reflexões sobre a representação das pessoas negras na comunicação e na sociedade e como esse processo, ao longo da história das sociedades colonizadas tem desumanizado xs negros em todas as áreas da vida (Davis, 2016; Gonzalez, 1988; Hooks, 2015). Percebemos que no caso do jornalismo feito pela GloboNews essa disputa de sentidos sobre o racismo foi feita pela pressão realizada no interior das Zonas Intermediárias de Circulação- ZIC, espaços em que os circuitos múltiplos de comunicação se encontram e por meio de tensionamentos geram a reorganização das enunciações jornalísticas (Soster *et al.*, 2017).

FLUXOS DE COMUNICAÇÃO DA WEB

Em meio ao devir da enunciação jornalística sobre o racismo, entra em cena a enunciação de outra instituição: as plataformas de redes sociais. Nos contextos de crescimento das denúncias de violência racial nos Estados Unidos, com a campanha “BlackLivesMatter”⁶ ganhando adeptos em todo o mundo, pesquisas da Tech Transparency Project⁷ mostram que o Facebook lucra com impulsionamento de mensagens de ódio em páginas de supremacistas brancos apelidados de Boogaloo Moviment. E mesmo depois de denunciados, as ações para combater esses discursos por parte da plataforma, são lentas. Essas informações somam-se a antigas denúncias do Wall Street Journal que, já em 2016, o crescimento de grupos extremistas na plataforma devia-se a ferramenta de recomendações da rede. E nesse momento, o discurso da plataforma em solidariedade aos negrxs e em apoio ao antirracismo é atravessado por fluxos de comunicação como a campanha “Stop Hate For Profit”, pedindo que grandes marcas boicotem a referida rede social.

⁶ A campanha BlackLivesMatter nasceu em 2013, nos Estados Unidos da América, e tornou-se uma campanha global com o objetivo de denunciar a violência racial e a supremacia branca, além de mobilizar pessoas em torno de políticas locais antirracistas e ação direta nos territórios. Ver mais em: <https://blacklivesmatter.com/about/> Acessado em 30.08.2020

⁷ A Tech Transparency Project é um centro de informação e investigação sobre a influência das plataformas digitais na política e vida cotidiana. Ver pesquisas em: <https://www.techtransparencyproject.org/articles/facebooks-boogaloo-problem-record-failure>



Fonte: Matéria na Revista eletrônica Exame. Em 01.06.2020

Em resposta, a plataforma realiza processos de remoção de conteúdos supremacistas brancos, contudo novos fluxos de comunicação apontam que as remoções comparam supremacistas brancos a antirracistas, antifascistas e demais organizações de luta por direitos civis. Além disso, a plataforma é pressionada por senadores do parlamento americano, que em 30 de junho exigiram respostas do CEO Mark Zuckerberg sobre possíveis ações realizadas para conter o discurso de ódio na plataforma. Então, aqui nos parece que novos atores entram em cena para a construção de posicionamentos discursivos (Ferreira, 2002)

O conceito de mediatização nos mobiliza a refletir, neste caso, sobre os atravessamentos do campo da comunicação em mudanças e mudando os demais campos sociais como um meta-processo. O fenômeno não se restringe à contemporaneidade e na abordagem das “ondas de mediatização” apresentada por Andreas Hepp e Nick Couldry (2017) acontece desde o séc XV “mutatis mutandi” deixando transformações de longo prazo e “efeitos laterais”. Na “onda” de mediatização profunda, em que coexistem digitalização e dataficação, as mídias múltiplas, cujo um dos bons exemplos é o elementar smartfone, têm demandado o desenvolvimento de inúmeras capacidades dos indivíduos desde o exercício

cinematista ao letramento em linguagem de programação, conhecimentos que potencializam a construção de sentidos e que podem abalar enunciações aparentemente estáveis.

O uso do celular em abordagens policiais é um dispositivo que tem se tornado importante na denuncia de violações de direitos. Para tanto, é preciso questionar os rastros de dados deixados nessas tecnologias e se perguntar se eles também constroem fluxo de comunicação contínuo na ambiência da circulação. As tendências que tais dados possam indicar, através de coletas e tratamentos, tornaram-se domínio privado das empresas de comunicação. Para operarem como condições de circulação do discurso, nos casos de direcionamento de conteúdos e recomendações, essas organizações atuam como um fluxo de comunicação de origem aparentemente opaca, e com possibilidades reais de ter viés racista (Silva, 2019a).

EM PROCESSO...

Rafael Grohmann (2019) apresenta uma perspectiva da circulação dos sentidos como aporte teórico-metodológico para “desnaturalizar” os dados digitais e operações de circulação na internet. Ele propõe o rastreamento da construção de sentido, nos/dos “contextos de circulação” interseccionalizados por marcadores como gênero, raça, territorialidade, classe e outros, pois a naturalização dos dados faz com que a sociedade perceba, de maneira geral, um efeito de objetividade das informações na internet. Porém, a realidade não se sustenta pelo simples fato de as informações serem construídas em regimes de plataformas com agenciamentos como o tratamento de dados, realizado através de valores sociais e econômicos que reproduzem desigualdades denunciadas pelo chamado colonialismo de dados (Shahin, 2019; Silva, 2019b). Além do rastreamento dos percursos realizados por esse fluxo de comunicação acreditamos que é necessário entender qual é o seu papel nas ZICs, com a finalidade de compreender tensionamentos, vislumbrando sua capacidade de intervenção nas direções ascendente e descendente da circulação hipermediatizada (Carlón, 2020). A possibilidade de mapear as condições de circulação abertas pela observação das lutas de sentido, como nos casos de racismo,

expõe as instituições mediáticas a tal ponto que pode nos ajudar a entender um pouco melhor complexidades de tais fluxos de comunicação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

CARLÓN, M. Tras los pasos de Verón... Un acercamiento a las nuevas condiciones de circulación del sentido en la era contemporánea. **Galáxia (São Paulo)**, v. 2, n. 43, p. 5–25, 2020.

COULDRY, N.; HEPP, A. **The mediated construction of reality**. Cambridge: Press Street, 2017.

DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIJCK, J. VAN; POELL, T.; WAAL, M. DE. **The Platform Society**. New York: Oxford University Press, 2018.

FAUSTO NETO, A. Circulação: trajetos conceituais. **Rizoma**, v. 6, n. 2, p. 08-40, dez. 2018.

FERREIRA, G. M. Contribuições da análise do discurso ao estudo de jornalismo. **Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação - COMPOS**, 2002.

GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, n. 92, p. 69–82, 1988.

GROHMANN, R. Os rastros digitais na circulação de sentidos : pela desnaturalização e contextualização de dados na pesquisa em comunicação. **Galaxia**, n. 42, p. 150–163, 2019.

HALL, S. **Da Diáspora: Identidade e Mediações culturais**. Belo Horizonte; Brasília: Editora UFMG; UNESCO, 2003.

HOOKS, B. **Black looks: race and representation**. New York: Routledge, 2015.

SHAHIN, S. Facing up to Facebook: how digital activism, independent regulation, and mass media foiled a neoliberal threat to net neutrality. **Information Communication and Society**, v. 22, n. 1, p. 1–17, 2019.

SILVA, T. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais : microagressões e

discriminação em código. **VI Simpósio Internacional LAVITS - Assimetrias e (In)Visibilidades: vigilância, Gênero e Raça**, p. 1–17, jun. 2019a.

_____. Teoria Racial Crítica e Comunicação Digital : conexões contra a dupla opacidade. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, set. 2019b.

SOSTER, D. D. A.; CIECELSKI, L.; BARTZ, R.; CARLOTTO, H. T. Os circuitos Múltiplos e as Zonas intermediárias de Circulação. **II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídiação e Processos Sociais**, 2017.

SOSTER, D. DE A. Mídiação, a terceira descontinuidade do jornalismo. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação - LABCOM**, p. 1–11, 2008.